

Credores mostram rigidez no Senado

BRASÍLIA — O encerramento do Seminário Renegociação da Dívida Externa, no Senado Federal, promoveu ontem o primeiro encontro frontal entre dois representantes dos maiores credores externos do Brasil, Citicorp e Banco de Tóquio, com o negociador oficial da Dívida Externa, Embaixador Jório Dauster, e o Diretor da Assuntos Internacionais do Banco Central, Antônio Cláudio Sochaczewski. O duelo verbal travado por eles, diplomático mas duro, já deu uma pequena amostra de como serão difíceis e arrastadas as negociações com os bancos comerciais.

— Fomos co-responsáveis (bancos e tomadores) na geração da dívida. Temos que buscar agora a co-responsabilidade na sua solução — resumiu o Embaixador Dauster, antecipando a disposição do Governo brasileiro na mesa de negociação.

Tanto o Presidente do Citicorp, John Reed, como o Vice-Presidente do Banco de Tóquio, Eiichi Matsumoto, colocaram-se na posição de intransigentes cobradores dos juros atrasados, como condição para um acordo com os bancos.

— O Brasil tem maior capacidade de pagamento de que outros países que já fizeram acordo e nunca suspenderam a remessa dos juros, apesar das dificuldades internas — afirmou Reed, sendo logo após apoiado pelo seu colega japonês.

O Embaixador Jório Dauster não deixou a provocação sem resposta, ainda que diplomática:

— Não há falta de desejo de pagar, mas sim impossibilidade de fazê-lo — disse ele. Usando dados do Banco Central, que mostram um compromisso da ordem de US\$ 23 bilhões neste ano, Dauster foi taxativo:

— Transferências dessa magnitude, não — enfatizou.

Sochaczewski aderiu a seu colega de Governo, de forma mais direta:

— Se não for possível o ajuste interno, não há o que negociar. Neste jogo, ou ganhamos os dois, ou perdemos os dois — disse ele.

Matsumoto, repeliu críticas que responsabilizam os bancos pela crise da dívida e disse que a modernização e industrialização brasileira só foi possível com colaboração dos bancos privados. Ele disse esperar lealdade e sinceridade nas próximas negociações com o Governo Collor, no qual manifestou confiança. Essa lealdade e sinceridade não estão sendo respeitadas no momento, por causa da suspensão do pagamento dos juros.

— O Brasil dispõe de capacidade para tal, fazendo um esforço para elevar o saldo comercial. Não podemos negar que essa situação venha a ser obstáculo para normalizar a relação com os bancos — alertou o executivo japonês.

Matsumoto, que assim como Reed prometeu o retorno do Brasil ao mercado financeiro (até em melhores condições do que os países do Leste europeu) após o acordo com os bancos, foi bastante questionado pelos debatedores. Ele admitiu que após o acordo que reduziu a dívida do México, os bancos japoneses não voltaram ao país.

Ao final do encontro, Jório Dauster anunciou que o Brasil vai negociar separadamente com os principais bancos credores e depois com agências oficiais, organismos multilaterais e governos, para encontrar soluções adequadas a cada tipo de instituição. A negociação formal, no entanto, ficará centralizada no Comitê Assessor dos Bancos